

# O desenvolvimento das bibliotecas universitárias em Portugal

Norah Jones \*

*RESUMO* — Apresentam-se alguns contrastes entre as bibliotecas universitárias portuguesas e anglo-americanas e propõem-se acções concretas para melhorar as condições de acesso e utilização das bibliotecas universitárias em Portugal.

*ABSTRACT* — Outlines some of the contrasts between Portuguese and Anglo-American university libraries and suggests some concrete steps in order to improve the conditions of access and use of university libraries in Portugal.

As seguintes notas têm que ser incompletas pois baseiam-se na breve visita e no limitado conhecimento da história das bibliotecas universitárias que é possível apreender numa estadia de quinze dias. Contudo espero que valha a pena escrevê-las, pois elas chamam a atenção para alguns fortes contrastes que podem fazer-se entre a biblioteconomia académica portuguesa e as linhas de desenvolvimento anglo-americanas.

O conhecimento destes contrastes poderá ajudar os bibliotecários portugueses no futuro planeamento do desenvolvimento das suas bibliotecas tendo em consideração os métodos clássicos, as diferentes tradições e outras possibilidades alternativas.

Os comentários estão divididos por cinco capítulos, cada um dos quais forma uma continuidade, onde podem ser enquadradas as bibliotecas universitárias específicas, de acordo com as suas políticas e práticas:

---

\* Senior Lecturer in Library Management and Community Studies, Leeds Polytechnic School of Librarianship, U.K.

Conservação	Exploração
Catálogo/Indexação	Serviços de informação
Serviços orientados para os Documentos	Serviços orientados para o Utilizador
Trabalho técnico	Trabalho profissional
Tecnologia atrasada	Tecnologia avançada

## 1. CONSERVAÇÃO/EXPLORAÇÃO

As bibliotecas académicas anglo-americanas mudaram a sua orientação, durante os últimos 20 anos, do seu papel tradicional de custódia para um estilo orientado no sentido do utilizador, sobretudo com o crescimento dos Serviços de Leitura em detrimento dos Serviços Técnicos (aquisições e processos e prática de catalogação). Os serviços de leitura passaram a incluir serviços de informação, educação do utilizador, pessoal informal e bem treinado acessível ao utilizador e acomodação agradável com muitos lugares, colocados perto das estantes de livre acesso. Pode ser que este quadro idílico esteja a começar a retroceder, depois dum breve avanço, devido às recessões económicas e às colecções cada vez maiores que se tornam de difícil empréstimo, provocando, possivelmente, o regresso ao acesso restrito pelo que os leitores negligentes já não necessitam de se incomodar para descobrir ricas e vastas colecções.

Apesar disso, a maioria dos bibliotecários universitários na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos da América continuam a preferir ao serviço clássico o processo de acesso directo, a educação do utilizador e o modelo de informação centralizada. Por contraste, nas bibliotecas universitárias portuguesas o ênfase parece estar localizado na função de custódia, com estantes sem acesso directo, acomodação inadequada e o pessoal de biblioteca mais preocupado nos serviços técnicos do que nos serviços de leitura. Encontramos que no Porto os estudantes fazem os seus trabalhos escritos em cafés frequentados por estudantes e na Universidade vimos estudantes a trabalharem sentados perto das janelas nos locais de passagem.

Na Universidade dos Açores a biblioteca estava prestes a ser mudada, dum estreito rés-do-chão para um edifício novo (originalmente concebido para salas de aula, mas posteriormente adaptado para a biblioteca), devido a uma espantosa necessidade de espaço da actual biblioteca. Quando a mudança se realizar, a intenção é conservar o acesso condicionado (com excepção do pessoal e de alguns estudantes), embora se pense que seria uma excelente oportunidade

para experimentar, pelo menos, o acesso directo. Isto poderia ser conseguido com a criação duma sala para estudantes, com uma colecção de textos e material de referência, arrumados por ordem de assuntos à volta das paredes e disponíveis para empréstimo. O principal argumento contra o acesso directo parece ser o problema de que os estudantes, por não estarem acostumados aos livros e às bibliotecas, depressa reduziriam as colecções à desordem e ao caos e provavelmente levariam os livros. Os bibliotecários ingleses estão familiarizados com estes problemas e conseguem controlá-los através de aparelhos de detecção electrónicos colocados em mesas à saída, fazendo a arrumação dos livros por pessoal de biblioteca e não pelos leitores e dando instrução ao utilizador na esperança de tornar os estudantes conscientes do valor dos livros e do interesse da pesquisa bibliográfica.

Alguns esforços estão a ser feitos no sentido de dar introduções sobre bibliotecas aos novos estudantes, mas a principal forma de exploração de fundos é através da criação de registos, catálogos e boletins bibliográficos. As alternativas são:

- a) manter o ênfase na conservação, recebendo e catalogando colecções escolares, sem as integrar nas colecções principais;
- b) tornar as colecções acessíveis, da mesma maneira que as bibliotecas anglo-americanas;
- c) ou seguir um meio termo.

As decisões que forem tomadas, dependerão dos métodos de desenvolvimento da educação, no ensino superior português. Existem indícios de que em algumas áreas se está a desenvolver o interesse pelos meios de apoio audio-visuais (no ensino da história, por exemplo), de que os trabalhos de curso estão a ser mais largamente introduzidos (o que poderá vir a ocasionar uma necessidade de maior informação por parte dos estudantes — e dos seus orientadores?).

## 2. CATALOGAÇÃO E ARQUIVO DE DOCUMENTOS/SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO

Actualmente na universidade portuguesa e também nas bibliotecas públicas, a maior parte do tempo e esforços é gasto na arrumação das colecções, que incluem doações privadas valiosas muitas vezes feitas na condição de que a colecção não possa ser

separada e portanto integrada no património existente. Nessas circunstâncias, mesmo com a ajuda da automatização, é natural que haja demasiado ênfase na produção de catálogos e pouco no desenvolvimento de outros tipos de serviços de informação para os utilizadores reais e potenciais. Gostaríamos de ver uma melhoria no crescimento dos serviços segundo as seguintes perspectivas:

a) bibliotecários especializados por temas, que sejam capazes de aconselhar e ajudar os técnicos e os estudantes e que possam tomar a iniciativa de analisar e ajudar a resolver problemas de informação;

b) promoção activa e publicidade da biblioteca como um *centro de informação*, além do seu papel de conservação de colecções especializadas (através da produção de muitos mais guias dos leitores, melhorando a *visibilidade* da biblioteca na universidade, etc.);

c) estabelecer laços mais apertados entre o pessoal académico e os bibliotecários no sentido de divulgar no corpo académico os novos métodos de ensino e aprendizagem, e da biblioteca como um centro de pesquisa e aprendizagem (segundo o modelo de algumas bibliotecas politécnicas britânicas, como as bibliotecas politécnicas de Brighton e Plymouth);

d) treinar o pessoal da biblioteca no sentido de adoptar o «papel da informação» e não «o papel dos serviços técnicos», dando, por exemplo, aos serviços de leitura a mesma importância que aos serviços técnicos.

### 3. SERVIÇOS ORIENTADOS PARA OS DOCUMENTOS/SERVIÇOS ORIENTADOS PARA O UTILIZADOR

Devido à grande riqueza das colecções doadas e à maioria do pessoal das bibliotecas universitárias ter grande treino em arquivos, existe actualmente o que parece ser, segundo o ponto de vista britânico, um ênfase excessivo na catalogação de colecções individuais, o que revelaria uma falta de preocupação em assegurar (devido a falta de tempo e talvez porque os lugares do pessoal existentes nas bibliotecas foram criados em função das colecções) que os documentos sejam usados pelo maior número possível de membros da universidade e por todos aqueles que os considerem relevantes. A exploração destas colecções é necessária, no sentido de ajudar os estudiosos

de todo o país na localização de material de pesquisa relevante. São necessários aqui alguns esforços de cooperação entre universidades e também entre bibliotecas públicas.

Mais uma vez, seria útil que o pessoal das bibliotecas estivesse distribuído por temas (história, economia, etc.), para que se pudessem aperceber da literatura existente no seu campo, não só na sua própria universidade, como em todo o país.

#### 4. *TRABALHO TÉCNICO/TRABALHO PROFISSIONAL*

É útil fazer uma distinção entre trabalho técnico, requerendo o uso de um limitado número de habilitações (geralmente repetitivas, tais como a aplicação de regras de catalogação, classes numéricas) e o tipo de trabalho profissional que vai para além dos processos e práticas estandardizadas, centralizando-se na política e na tomada de decisões. Tornou-se evidente, durante a nossa estadia em Portugal, que os bibliotecários que encontrámos estão grandemente interessados neste problemas profissionais:

a) como planear e reunir a informação de maneira a tornar as decisões acertadas;

b) como gerir o pessoal e os recursos;

c) como promover a biblioteca, de maneira a conseguir a aceitação de outras instituições e conseqüentemente poder receber melhores subsídios e obter uma imagem mais positiva.

Eles estão prontos a ultrapassar as tarefas técnicas e assumir as necessárias tarefas de gestão, mas para serem bem sucedidos precisam de mais apoio e treino, dentro da suas bibliotecas e através de encontros profissionais e associações de cooperação.

Não é provavelmente suficiente (embora seja um bom começo) ministrar cursos de gestão para o pessoal de direcção, porque eles próprios já têm consciência das necessidades de gestão. É igualmente importante assegurar que um maior número de pessoal da biblioteca esteja envolvido na gestão das suas bibliotecas, e que não se vejam a si próprios somente imbuídos do seu papel técnico, como catalogadores ou pessoal de aquisições.

Fica-se com a impressão de que os bibliotecários-chefes suportam sozinhos os fardos das decisões, prioridades e recursos financeiros e isto é devido parcialmente às estruturas do pessoal que não admitem ou encorajam uma total participação por parte de outros níveis de pessoal. Por isso, a maioria do pessoal, provavel-

mente, acha que nada tem a ver com a tarefa de gestão da biblioteca e isto pode vir a ser um obstáculo à mudança. O treino no próprio serviço, sob a forma de pequenos grupos de trabalho, revisões de trabalho executado e o estabelecimento de metas para os pequenos grupos de trabalho, pode ajudar a remediar o problema.

## 5. *TECNOLOGIA ATRASADA/TECNOLOGIA AVANÇADA*

Ficou bem claro durante a nossa estadia que todos os tipos de biblioteca em Portugal, como em todo o lado, estão muito interessados com as possibilidades duma automatização e ansiosos para se aconselharem sobre os melhores sistemas a instalar. A automatização nas bibliotecas portuguesas requer um gigantesco passo em frente para passar de uma tecnologia atrasada para as últimas novidades em tecnologia avançada. Isto levanta problemas especiais. Primeiro, há o perigo de que os sistemas atrasados existentes possam continuar a sobreviver sob uma forma automatizada, em vez de se repensar todo o sistema desde os princípios fundamentais, de acordo com estas ideias «para que serve isto, exactamente?», «porque é que precisamos deste arquivo?», «qual o nível de pormenorização?», «quais as abordagens que os utilizadores acham úteis e relevantes?».

Em segundo lugar, os bibliotecários portugueses estão conscientes dos problemas que se levantam acerca da implementação destas mudanças sob o ponto de vista do pessoal existente. Isto é, em grande parte, um problema de gestão de pessoal, envolvendo o treino dentro do serviço a vários níveis e há interesse em conhecer exemplos de esquemas práticos de treino usados pelas bibliotecas inglesas. Seria útil se a BAD pudesse introduzir nos novos cursos de biblioteconomia a recolha e o uso deste tipo de material durante os seus programas de ensino, e pudesse também tê-lo disponível como um recurso de aprendizagem para os bibliotecários estagiários que não estão no curso. A profissão necessitava claramente dum centro de informação a que os bibliotecários de qualquer tipo de biblioteca pudessem recorrer para obter um conselho e ajuda. Será este um projecto que a BAD possa liderar, encorajando a Biblioteca Nacional a responsabilizar-se por ele?

Em terceiro lugar, a automatização implica mudanças para aqueles que estão na recepção, nos serviços de biblioteca e de informação. Os utilizadores da biblioteca precisam de estar preparados para os novos sistemas, assim como os guias do leitor precisam de

estar preparados para este fim. Poderia ser útil se se concentrasse algum esforço conjunto nisto. Na verdade bibliotecários com problema comuns sobre a introdução da automatização seriam bem orientados se se organizassem num grupo especial (com o «British On-line users group», por exemplo) que poderia produzir um novo jornal (ou ter uma coluna regular no *Notícia BAD*) mantendo os bibliotecários através do país informados acerca da introdução de esquemas de automatização e as experiências (boas e más) das bibliotecas ao instalá-los.

### CONCLUSÕES

A principal prioridade consiste na mudança, pelo menos, para um sistema moderado de acesso directo, através das salas de leitura dos estudantes e na orientação do sistema de leitura domiciliária para os fundos disponíveis para a leitura estudantil (o empréstimo poderia ser limitado a períodos de uma semana).

Uma colecção baseada em empréstimos de meio-dia ou só de um dia precisa de ser acompanhada de uma melhoria de instalações, para que existam lugares suficientes para os estudantes fazerem uso da colecção de curta disponibilidade de empréstimo (e na verdade, geralmente, encorajá-los a um completo uso da biblioteca).

O treino do pessoal da biblioteca que se verifica não só dentro da mesma (traduzindo-se num maior envolvimento na tomada de decisões e num maior compromisso com os utilizadores), mas também fora (através da participação nos acontecimentos da BAD e pela formação de grupos de especialistas, tais com um grupo especialmente interessado na automatização) é importante se se pretende efectuar uma mudança aceitável.

Finalmente, gostaríamos de dizer que ficámos muito impressionados com as colecções que vimos nas bibliotecas portuguesas, e de como seria esplêndido se elas fossem melhor exploradas, com os bibliotecários participando activamente na sua promoção e uso. Serão as colecções a mandar na biblioteca? Ou os bibliotecários a mandar nas colecções?